

10. Educação quilombola, desigualdade racial e tecnológica no contexto da pandemia da Covid-19

Suely Dulce de Castilho¹

Francisca Edilza B. A. Carvalho²

Samara Pereira de Souza³

Este texto tem como principal objetivo compreender a percepção dos/as educadores/as que atuam em quatro comunidades quilombolas mato-grossenses sobre a aprendizagem dos estudantes quilombolas em meio à pandemia da Covid-19. Metodologicamente, a pesquisa está inserida na abordagem qualitativa; como instrumento de coleta dos dados, realizaram-se entrevistas com os/as

1 Doutora em Educação: currículo/PUC/SP; Professora do Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação/IE/UFMT; Professora do Programa de Pós-graduação em Educação PPGE/IE/UFMT; Pesquisadora em educação e quilombo contemporâneo; Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Escolar Quilombola GEPEQ/IE/PPGE/UFMT.

2 Doutoranda em Educação: Educação Escolar Quilombola/UFMT; Mestra em Educação: Educação Escolar Quilombola; Pesquisadora Grupo de estudos em educação escolar quilombola-Gepeq/UFMT

3 Mestranda em Educação: Educação Escolar Quilombola; Graduada em Letras/Espanhol UNIVAG; Pesquisadora Grupo de estudos em educação escolar quilombola-Gepeq/UFMT.

docentes utilizando o formulário do Google. O aporte teórico balizou-se nos pressupostos de autores decoloniais. Os resultados apontam para efeitos dolorosos, mas já esperados: A longa duração da pandemia da Covid-19, aliada à ausência de políticas de proteção para os povos mais vulneráveis, acrescidas das negligências históricas, congregada à exclusão social e tecnológica vivenciada no seio das comunidades/escolas quilombolas, constitui-se como impedimento na aprendizagem dos estudantes.

A pandemia causada pela Covid-19 tem acentuado as desigualdades sociais e tecnológicas em todo o País, trazendo à lembrança da sociedade dores que há tempos impactam os povos mais vulneráveis, como é o caso da população quilombola. Os descasos impostos às comunidades quilombolas ficaram ainda mais evidentes no contexto da pandemia tal como apontam Bastos (2020), Leite e Silva (2021).

A presente pesquisa tem, pois, como principal objetivo compreender qual é a percepção dos/as educadores/as que atuam em quatro comunidades quilombolas mato-grossenses sobre a aprendizagem dos estudantes quilombolas em meio à pandemia da Covid-19. A intenção é trazer à lembrança os desafios que os/as estudantes e seus/as educadores/as estão enfrentando no chão das comunidades quilombolas do estado de Mato Grosso.

As perguntas que este artigo busca responder são: Quais os desafios enfrentados por educandos/as e seus/as educadores, no contexto da pandemia da Covid-19, nas comunidades quilombolas do estado de Mato Grosso? Quais as possíveis causas que atrapalham o ensino/aprendizagem na pandemia?

Este texto está organizado em quatro seções, além desta introdução e das conclusões finais. Na primeira seção, descrevemos a metodologia utilizada, e apresentamos brevemente as comunidades escolares nas quais a pesquisa foi desenvolvida. Na segunda seção, delineamos o aporte teórico utilizado. Na terceira seção, realizamos uma revisão sistemática sobre as publicações que vêm sendo desenvolvidas sobre as desigualdades raciais e tecnológicas no contexto da pandemia da Covid-19. Na quarta seção, exibiremos os resultados da pesquisa sobre a situação da aprendizagem dos estudantes quilombolas em

quatro comunidades quilombolas do estado de Mato Grosso.

Trilhos metodológicos

Este estudo está ancorado na abordagem qualitativa de base interpretativa, balizada em um conjunto de técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Segundo Minayo (2010), um verdadeiro modelo qualitativo descreve, compreende e explica, o que também é a intenção deste texto.

Como ferramenta de geração de dados, utilizamos entrevistas semiestruturadas com questões abertas e fechadas, aplicadas aos professores de quatro escolas quilombolas do estado de Mato Grosso, a saber: Escola Estadual Quilombola Reunidas de Cachoeira Rica; Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Muller; Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento e Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda.

Devido ao contexto da pandemia da Covid-19, as entrevistas foram realizadas por meio de Formulário do Google, utilizando o link: <https://forms.gle/PjkQbLmMNvqLKnEo9>, também foram realizadas entrevistas por meio de Google Meets e WhatsApp. A análise dos dados foi balizada na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), a partir de categorias estabelecidas durante a observação deles.

A primeira escola pesquisada está localizada no território quilombola de Itambé, que é constituído por sete comunidades quilombolas: Itambé, Lagoinha de Cima, Lagoinha de Baixo, Cachoeira do Bom Jardim, Cansanção, Aricá-Açú, Barro Preto e Serra do Cambam Bi, localizadas no município de Chapada dos Guimarães (MT) a 96,5 km de Cuiabá (SANTOS, 2019).

A Escola Estadual Quilombola Reunidas de Cachoeira Rica está localizada na comunidade quilombola de Itambé a 30 km do município de Chapada dos Guimarães. A escola funciona no período matutino, oferta a educação infantil, ensino fundamental, ensino médio regular e Educação de Jovens e Adultos/EJA, atendendo a, aproximadamente, 200 estudantes organizados em

oito salas de aula na sede da escola e em oito salas anexas, (SANTOS, 2019).

A segunda escola pesquisada está localizada na comunidade quilombola de Abolição, no município de Santo Antônio do Leveger (MT) a, aproximadamente, 50 Km da capital, Cuiabá (FERREIRA, 2015). Essa comunidade quilombola é formada por vários troncos familiares. A memória dos moradores sobre a origem dessa comunidade data do ano de 1750, (FRANÇA, 2019).

A Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Muller está localizada na rodovia BR 364, quilômetro 353, bem próximo à mineradora Brita do Vale e do entroncamento do município de Barão de Melgaço, e funciona desde 1986 (FERREIRA, 2015). A escola atua nos três turnos: matutino, vespertino e noturno, oferta a Educação Básica e a Educação de Jovens e Adultos/EJA, atendendo a, aproximadamente, 400 estudantes, advindos das comunidades, fazendas e vilas circunvizinhas, (FRANÇA, 2019).

A terceira escola pesquisada está localizada no território quilombola Vão Grande, que é constituído de cinco comunidades quilombolas: Camarinha, Morro Redondo e São José do Baixio, situadas no município de Barra do Bugres, e comunidades Vaca Morta e Retiro, situadas no município de Porto Estrela (MT). O território está a, aproximadamente, 240 Km da capital Cuiabá (CARVALHO; CASTILHO, 2017). A memória coletiva dos Vão-grandes registra que data de mais de duzentos anos a chegada deles nessas terras (CARVALHO, 2016).

A Escola Estadual José Mariano Bento está localizada na comunidade São José do Baixio. A escola funciona nos turnos matutino e vespertino, oferta a educação básica e a Educação de Jovens e Adultos/EJA, atendendo a 100 estudantes organizados em seis salas de aula na sede da escola e em duas salas anexas, Dias (2017) e Sales (2020).

A quarta escola se localiza no Quilombo Mata-Cavalo, situado no município de Nossa Senhora do Livramento a, aproximadamente, 60 km de Cuiabá. Segundo Santana (2019), Mata-Cavalo pode ser entendido como um complexo ou um conjunto de seis comunidades, a saber: Mata-Cavalo de Baixo, Mata-Cavalo de Cima, Aguaçu de Cima, Ponte da Estiva, Mutuca e Capim

Verde, nas quais habitam cerca de 418 famílias. Segundo Castilho (2011, p. 58), “A memória dos mata-cavalenses sobre a origem de sua comunidade tem como marco o ano de 1883. Ano em que seus descendentes escravizados receberam de sua ex-senhora, Dona Anna da Silva Tavares, uma carta de doação das terras”.

A Escola Estadual Quilombola Professora Tereza Conceição Arruda está localizada às margens da Rodovia MT 060, Km 25, na comunidade Mata-Cavalo de Baixo. Essa escola funciona nos turnos matutino e vespertino, oferta a Educação Básica e a Educação de Jovens e Adultos/EJA, atendendo a 530 alunos, organizados em onze salas de aula na sede da escola e em 16 salas anexas (SANTANA, 2019).

O que dizem os estudos já feitos sobre educação quilombola em tempos de pandemia

Nesta seção, apresentaremos os resultados de uma revisão sistemática, na qual procuramos conhecer as publicações que se debruçam sobre educação quilombola, necropolítica, desigualdade social e racial no contexto da pandemia da Covid-19. Os procedimentos metodológicos para a realização da revisão se balizaram nos pressupostos propostos por Botelho, Cunha e Macedo (2011), constituindo-se de cinco etapas. Na primeira, identificamos o tema e seleção da questão de pesquisa; na segunda, estabelecemos os critérios de inclusão e exclusão para seleção; na terceira, identificamos os estudos pré-selecionados e selecionados; na quarta, categorizamos os estudos selecionados; na quinta, analisamos e interpretamos os resultados; na sexta etapa, apresentamos a revisão em forma de síntese do conhecimento.

A questão utilizada como fio condutor da revisão pode ser assim definida: qual o fluxo dos estudos (teses, dissertações e artigos) sobre educação quilombola, desigualdade social e/ou tecnológica no contexto da pandemia da Covid-19? Elegemos os seguintes descritores, a fim de localizar e recuperar os trabalhos que tratassem da temática de interesse, quais sejam: “quilombo”, “educação quilombola”, “Covid-19”, “coronavírus”, “pandemia”, “desigualdade social” e “desigualdade tecnológica”, Após a escolha dos descritores, foram realizadas as buscas nas seguintes bases de dados eletrônicas: Biblioteca Digi-

tal Brasileira de Teses e Dissertações; Portal de Periódicos da Capes; portal da SCIELO Brasil – Scientific Electronic Library Online, Google Acadêmico.

Os critérios de inclusão foram estudos com texto completo disponível no idioma português, que faziam a relação entre Covid-19, população quilombola e desigualdade social e/ou tecnológica. Já os critérios de exclusão foram: estudos repetidos e estudos que não incluíssem o objeto de pesquisa. A coleta de dados foi realizada no período de junho a julho de 2021, sem recorte temporal.

Até onde nossos esforços conseguiram alcançar, não foram localizadas teses ou dissertações, utilizando esses descritores em nenhuma das plataformas pesquisadas. Quanto à publicação de artigos, foram localizadas 11 publicações, conforme Tabela 1.

Tabela 1 – Comunidades quilombolas no contexto da pandemia da Covid-19

Ano	Palavras chave	Título	Autores/as
2020	Infâncias quilombolas; pandemia; educação; resistência.	Entre a crise pandêmica e a invisibilidade política: educação das crianças quilombolas	Luciete Bastos
2020	Infância; quilombo; pandemia.	O ano que não tem fim: as crianças e suas infâncias em tempos de pandemia	Marina R. O. Saraiva
2020	Infâncias; crianças quilombolas; necropolítica.	(In)visíveis? Crianças quilombolas e a necropolítica da infância no Brasil	Márcia Lúcia A. Souza
2020	Comunidades quilombolas; coronavírus; genocídio; necropolítica; neoliberalismo.	Necropolítica, corona vírus e o caso das comunidades quilombolas brasileiras	Eduardo R. Santos
2020	Racismo; necropolítica; pandemia; quilombo.	Dupla perversidade dos efeitos pandêmicos sobre comunidades quilombolas	Denner S. Silveira

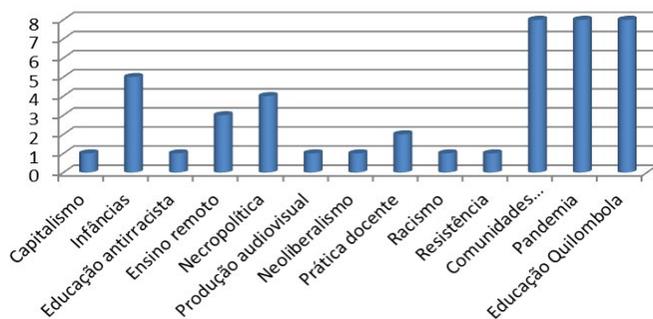
2021	Comunidade quilombola; pandemia; Covid-19; capitalismo.	Covid-19, capitalismo e exclusão social na comunidade quilombola	Cynthia M. B. Leite; Heloísa H. C. Silva.
2021	Educação quilombola; prática docente; relações étnico-raciais; pandemia; ensino remoto.	Prática docente quilombola e os impactos da pandemia na educação	Olíndina S. Nascimento; Maria C. Fantinato.
2021	Educação; pandemia; ensino remoto; comunidade quilombola.	Educação na comunidade quilombola de Serra Feia Localizada na cidade de Cacimbas (PB) na visão docente em meio a pandemia da Covid-19	José Eliton S. Costa
2021	Ensino remoto; educação antirracista; narrativas docentes; produção audiovisual; educação infantil.	Luta antirracista na educação infantil em tempos de pandemia: o que as táticas docentes revelam?	Daise S. Pereira; Marcia G. Pereira; Alana A. Pereira; Maria C. R. Paixão.
2021	Necropolítica; quilombos; pandemia.	Pandemia e quilombos: decisões sobre o “deixar viver e deixar morrer”	Hellen C. Marquezin; Ludmila V. Guimarães; Raquel O. Barreto.
2021	Quilombo; racismo; pandemia.	Quilombos e a luta contra o racismo no contexto da pandemia	Givânia M. Silva; Bárbara O. Souza

Fonte: Elaborada pelas pesquisadoras (2021).

Foram localizadas cinco pesquisas realizadas no ano de 2020

e seis pesquisas no ano de 2021. As pesquisas encontradas discutem os desafios enfrentados pela população quilombola no confronto com a Pandemia da Covid-19 e v

Gráfico 1



Fonte: elaborado pelas pesquisadoras (2021)

As pesquisas delineiam temáticas importantes, tais como: racismo, necropolítica, ensino remoto e infância. A diversidade das temáticas desvela as muitas dores causadas ao povo quilombola, embora não sejam problemas recentes, antes são dores pré-existentes que vieram à tona com a situação pandêmica.

Desigualdades sociais e tecnológicas

A colonização das Américas, e com ela a exploração, a escravidão e o massacre do povo negro, produziu a racialização dos corpos e arquitetou um sistema de definição de quem vive e quem morre, tal como aponta o conceito de necropolítica do filósofo camaronês Achille Mbembe (2018) que define quais vidas têm maior ou menor importância no sistema capitalista e colonialista.

No contexto pandêmico, a escolha de quem morre e quem vive fica ainda mais evidente, tendo em vista que a velocidade do contágio não

permite ao Estado maquiagem os dados, como demonstra Silveira (2020), trazendo à tona o contínuo histórico de violências raciais que reencenam o passado colonial.

Em toda parte se vive, nestes tempos, o horror das muitas mortes causadas pela pandemia, no Brasil, conforme dados do Ministério da Saúde, até 29 de julho de 2021, momento de escrita deste texto, 554.497 mil pessoas haviam perdido a batalha para o coronavírus. A situação nas comunidades quilombolas não é diferente, embora seja, ainda, mais delicada dado o histórico de desumanização e exclusões que tais comunidades vivenciam. Pesquisas recentes negritam diferentes taxas de letalidade entre quilombolas e não quilombolas, e demonstram que um indivíduo quilombola contagiado pela Covid-19 está mais propenso à morte que do que um indivíduo não quilombola. De acordo com Santos (2020), “O que se percebe é que a taxa de letalidade brasileira geral mantém um padrão na casa dos 6% e os quilombos foram se estabelecendo em uma taxa entre 16% e 19%” (SANTOS, 2020, p. 8).

A luta pela sobrevivência nas comunidades quilombolas, durante a pandemia, é travada nas mais diferentes vertentes. Uma hora é a luta pela vida, considerada pelos colonizadores como sem valor algum, noutra hora é a luta pela educação; em outras ainda, por direitos outrora conquistados que vêm sendo ameaçados por um governo abertamente contrário aos interesses dos povos mais vulneráveis, como os indígenas e os quilombolas.

Nesse sentido, é importante destacar que a luta nas comunidades quilombolas, nestes tempos pandêmicos, vai para além das que já são travadas em tempos de “normalidade” e reafirmam a resistência decolonial do povo quilombola como forma de enfrentar a raiz da invisibilidade, contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos representados pela colonialidade do ser, do poder e do saber, como depõem Quijano (2010); Lander (2005) Maldonado-Torres (2008), fatos que, neste texto, instigam-nos a mapear os silêncios que a narrativa dominante não profere.

É nesse cenário de invisibilidade que se dá o processo de ensino/aprendizagem nas comunidades quilombolas onde a falta de internet e de aparelhos tecnológicos se constituem como impedimento tanto para os educa-

dores quanto para os educandos. Para Bastos (2020), tais ausências vêm alargando as distâncias fomentadas pelas desigualdades de sempre, que com a pandemia foram aprofundadas e escancaradas.

Não bastassem as desigualdades tecnológicas, o quadro ainda se agrava com o despreparo dos docentes e a ausência de formação que os capacite a lidar com a tecnologia necessária nestes tempos. Assim, concordamos com Dias e Pinto (2020, p. 546), no entendimento de que os docentes precisaram/precisam se inserir no mundo tecnológico e “aprender a usar plataformas digitais, inserir atividades on-line, avaliar os estudantes à distância e produzir e inserir nas plataformas, material que ajude o aluno a entender os conteúdos, além das usuais aulas gravadas on-line”.

A participação dos professores quilombolas nos cursos de formação também representa um desafio aos docentes, dado que a internet disponibilizada nas comunidades quilombolas é de péssima qualidade, é, em muitos casos, inexistente. Para esta pesquisa, ao inquerir os educadores sobre o que mais atrapalha na realização dos cursos on-line, 63% dos docentes afirmaram que a falta de internet se constitui o principal obstáculo deles na realização de formações no formato on-line.

No entanto, apesar de a internet dificultar o acesso aos cursos, atrapalhando, assim, o processo de ensino/aprendizagem, as pesquisas demonstram que as escolas quilombolas têm procurado reinventar outras formas de pesquisar, educar e lutar, como preconizam Santos e Saraiva (2020). Nessa mesma direção, Arroyo (2019) apõe que:

Quando as opressões, subalternizações se sofisticam, quando as humanidades são roubadas pelo Estado, pela justiça criminalizadora, pelo condenar milhões a vidas ameaçadas, nos limites do viver-sobreviver, somos obrigados a reinventar as formas de pensar, reinventar os paradigmas epistemológicos e pedagógicos (ARROYO, 2019, p. 20-21).

Nessa reinvenção, educadores/as e educandos/as quilombolas também se refazem e se reconstroem para além da história e dos espaços-tempos, como se, quiçá, os obstáculos os instigassem a “caminhar mais um passo”, como

anuncia Galeano (1994), e a esperar novos dias, como profere Freire (1992).

Desafios docentes

Segundo a UNESCO (2020), a pandemia da Covid-19 provocou problemas que alcançam a escola e o fazer pedagógico, repercutindo diretamente no cotidiano dos estudantes. Nesse contexto, insurgiram-se debates sobre o futuro da educação e emergiram as fragilidades que ela já vivenciava, mas não enfrentava, principalmente, no que diz respeito à formação de professores (OLIVEIRA; CORRÊA; MORÉS, 2020). Nas comunidades quilombolas, a situação é ainda mais penosa, pois a elas se somam outras dores, advindas das desigualdades raciais, sociais e tecnológicas. Tal desigualdade, imbricada na sociedade brasileira, obsta educandos e educadores a perfazerem os trilhos do processo de ensino/aprendizagem.

No caso dos educadores, há, ainda, os desafios que se apresentam para a participação deles nas formações necessárias para a qualificação docente que os capacite a lidar com as exigências impostas por este novo tempo. Nessa questão, concordamos com Matines *et al.*, (2018), quando afirma que é preciso formação adequada para que os docentes obtenham resultados satisfatórios.

Ao arguir os/as professores/as das quatro escolas pesquisadas sobre suas participações em cursos de formação, e os motivos que os/as desmotivam a participarem das formações, eles trazem à tona questões relacionadas, sobretudo, com a falta de internet adequada, que, em muitos casos, os impedem até mesmo de se inscreverem nos cursos ou a participarem efetivamente da formação. Ouçamos suas vozes:

Não conseguimos nem ao menos fazer a inscrição nos cursos e quando a gente consegue fazer, a Internet não colabora para a nossa participação efetiva no curso e podermos fazer a interpretação do conteúdo (Docente 10, Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Mueller).

Com a internet ruim a gente não vê nem a divulgação do curso (Do-

cente 14, Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda).

Não conseguimos participar, a internet na comunidade é ruim não abre nem áudio, não carrega foto, quanto mais os cursos (Docente 42, Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento).

Quando a professora afirma que “não conseguimos nem fazer a inscrição nos cursos”, ela traz à cena outra problemática relacionada à ausência de internet de boa qualidade: o não acesso às divulgações dos cursos de formação, pois também os impedem de ter conhecimento das informações e das divulgações em tempo hábil. É importante reiterar a denúncia de que as desigualdades sociais e tecnológicas nas quais os/as professores/as quilombolas estão imersos impõem a eles/as limites palpáveis difíceis de transpor.

A precariedade do sinal da internet se agudiza na proporção em que se adentram nas comunidades quilombolas, e, quanto mais distantes elas estão do centro urbano, mais difícil é o acesso de seus moradores, estudantes e educadores, à internet e aos recursos que ela possibilita. As consequências dessa ausência são desastrosas, tanto que a falta de acesso à internet é apontada nas narrativas de 97% dos/as docentes como responsável pelos danos causados à aprendizagem dos estudantes. Quando inquerimos sobre “Qual ou quais as possíveis causas que atrapalham o ensino/Aprendizagem na pandemia?”, os/as professores disseram:

A falta de uma boa Internet aos alunos. Com isso vão perdendo o interesse no aprendizado (Docente 31, Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Muller);

Tem uma série de fatores que atrapalham, mas o acesso às tecnologias é o principal. Não ter acesso a Internet, a computadores, a celulares, a notebooks é o que mais dificulta (Docente 10, Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda).

Primeiro a falta de Internet por parte dos estudantes e aparelhos compatíveis. Segundo o acompanhamento por parte da de algumas famílias desses estudantes (Docente 12, Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda).

Ainda em relação aos fatores que se apresentam como impedimento para os estudantes, a docente 12, traz à cena outra problemática fre-

quente: a falta de condições e formação das famílias para acompanhar os estudos dos filhos. Se em tempos de “normalidade”, esse fato era considerado um impeditivo, tal como aponta Castilho (2011), em tempos pandêmicos, eles adquiriram proporções gigantescas.

Quanto à participação dos estudantes nas aulas *on-line*, 68% dos professores/as afirmaram que os estudantes quilombolas não conseguem acompanhar as atividades/aulas *on-line*; 29% dos/as docentes responderam que, às vezes, os estudantes conseguem acessar as aulas, e apenas 2% dos educadores/as informaram que seus estudantes acessam as aulas virtuais, conforme Gráfico 2.

Gráfico 2



Fonte: elaborado pelas pesquisadoras/2021

Ainda assim, as narrativas permitem entrever que os/as educadores/as, atuantes nas escolas quilombolas pesquisadas, mesmo sofrendo com as consequências das desigualdades sociais e tecnológicas, a elas não sucumbem, antes, forjam em meio aos caos, saídas possíveis. Desse modo, a fim de amenizar a situação da falta de internet e equipamentos tecnológicos, os/as professores/as elaboram e imprimem apostilas para serem entregues aos estudantes.

As apostilas são preparadas pelos professores com o acompanhamento da coordenação pedagógica, conforme relatam estes dois docentes:

Preparar as apostilas, preparar as aulas nos vídeos são grandes mudanças, com novas estratégias. Não que esteja fácil, mas também trás novos caminhos e experiências principalmente na área virtual (Docente 45, Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda).

Estamos nos desdobrando para elaborar as apostilas que atentam a realidade dos alunos, mas a coordenação pedagógica ajuda bastante a gente (Docente 58, Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento).

Os professores também explicam como fazem, quais estratégias utilizam para entregar as apostilas nas casas dos estudantes:

No meu caso particularmente entrego nas residências dos estudantes (da EJA) nos sítios, que são muito longe, e as condições das estradas nem sempre contribuem, ressaltar que em todo esse trabalho as despesas de combustível e desgaste do automóvel é exclusivamente por minha conta (Docente 43, Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda).

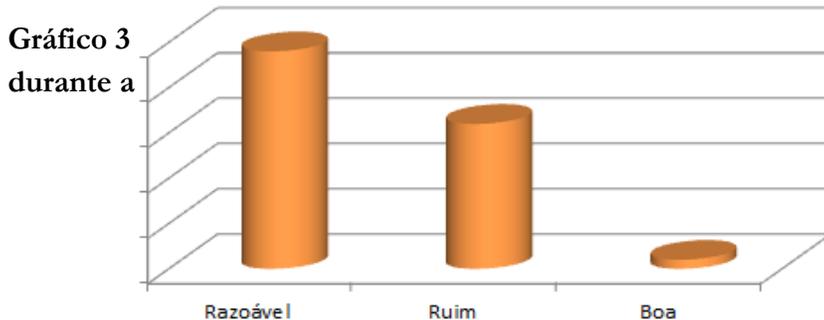
Marcamos um dia na escola, e às vezes mandamos através da agente de saúde (Docente 45, Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda).

Aos meus alunos vou de casa em casa, visando a segurança de cada um (Docente 55, Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento).

Os professores levam em sua residência através do ônibus e caminham muito para ir aonde não chega o ônibus (Docente 57, Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento).

Também arguimos os professores sobre como eles conside-

ram a aprendizagem durante a pandemia. 58% dos professores responderam que consideram a aprendizagem razoável; 39% consideram a aprendizagem, durante a pandemia, ruim, e apenas 2% dos educadores consideram a aprendizagem boa, conforme Gráfico 3.



Fonte: elaborado pelas pesquisadoras/2021

Quanto ao retorno dos resultados dos conteúdos trabalhados durante a pandemia, 80% dos/as docentes responderam que considera o retorno razoável; 12% consideram o retorno ruim e 2% consideram o retorno bom, conforme estes relatos:

Razoável, pois a grande maioria, mora com os avós e eles tem muita dificuldade para resolver as atividades sozinhos (Docente 51, Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento).

Ruim, pois na maioria das vezes eles desanimam se entristecem, mas sempre estão sendo estimulados pelos professores (Docente 50, Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento).

As narrativas dos professores/as, que atuam nas escolas quilombolas pesquisadas, indicam que, apesar dos seus esforços, são muitos os desafios a serem enfrentados para que os estudantes possam acompanhar plenamente as aulas. Ainda assim, as narrativas dos/as educadores/as nos permitem enxergar experiências exitosas, fruto do esforço coletivo, da boa vontade e do compromisso e comprometimento de profissionais da educação os quais, para-

fraseando Conceição Evaristo, teimam em “não morrer”, afinal, como diz Arroyo “Resistir em defesa da educação pública exige resistir a vidas ameaçadas” (ARROYO, 2019, p.27-8).

Considerações finais

Este artigo, cujo principal objetivo foi compreender a percepção dos/as educadores/as que atuam em quatro comunidades quilombolas mato-grossenses sobre a aprendizagem dos estudantes quilombolas em meio à pandemia da Covid-19, com destaque para as comunidades quilombolas Mata-Cavalo (MT), Vão Grande (MT), Abolição e Itambé, procurou abordar os desafios enfrentados por esses educadores, no contexto dessa pandemia, nas comunidades quilombolas do estado de Mato Grosso, e as possíveis causas que atrapalham o ensino/Aprendizagem na pandemia.

As narrativas dos/as educadores/as que foram entrevistados/as nos permitem entrever um resultado doloroso, mas já esperado: a longa duração da pandemia da Covid-19, aliada à ausência de políticas de proteção para os povos mais vulneráveis, acrescidas das negligências históricas, congregada a exclusão social e tecnológica vivenciada e experienciada no seio das comunidades/escolas quilombolas, constitui-se como impedimento na aprendizagem dos estudantes.

A situação se agiganta quando entra em cena a ausência de formação específica que capacite os docentes para a utilização de ferramentas tecnológicas necessárias ao desenvolvimento das atividades remotas.

Também é possível lobrigar que, apesar de os/as educadores/as estarem enfrentando muitos desafios para atender aos estudantes, eles/as permanecem com os pés fincados numa educação decolonial e contra hegemônica que se contrapõe ao racismo, à desigualdade social e tecnológica.

Referências bibliográficas

- ARROYO, Miguel. *Vidas ameaçadas: exigências-respostas éticas da educação e da docência*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2019.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução: Luís Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BASTOS, Luciete. Entre a crise pandêmica e a invisibilidade política: educação das crianças quilombolas. *Linhas Críticas*. Brasília, v. 26, nov. 2020, p. 1–22. DOI: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/33972>. Acesso em: 07 jul. 2021.
- BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Revista Gestão e Sociedade*, Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121-136, maio/ago. 2011.
- CARVALHO, Francisca Edilza Barbosa de Andrade. *Educação Escolar Quilombola na Comunidade de Baixio, Barra do Bugres (MT): avanços e desafios*. 2016. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2016.
- CARVALHO, Francisca Edilza Barbosa de Andrade; CASTILHO, Suely Dulce de. Território Quilombola Vão Grande: aspectos históricos. In: Josemir Almeida Barros, Márcia dos Santos Ferreira e Suely Dulce de Castilho (Organizadores). *Entrelaços e diálogos: Pesquisas em História da Educação e ensino nas regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil*. Cuiabá, EduUFMT. 2017, p. 137-135.
- CASTILHO, Suely Dulce de. *Quilombo contemporâneo: Educação, Família e Cultura*. Cuiabá: EduFMT, 2011.
- DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. A educação e a Covid-19. *Ensaio: Anal. Pol. Pub. Educ.*, Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 545-554, jul./set., 2020.
- DIAS, Maria Helena Tavares. *Entre memórias e narrativas dos festeiros das festas de santo do território quilombola Vão Grande*. Orientadora Cândida Soares. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT, Cuiabá. 2017.
- FERREIRA, Augusta Eulália. *Educação Escolar Quilombola: uma perspectiva identitária a partir da Escola Estadual Maria de Arruda Muller*. 2015. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2015.
- FRANÇA, Michele Corrêa de. *Identidades na Perspectiva da Educação Infantil da Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Muller – Quilombo Abolição (MT)*. 2019. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2019.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança, um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Rio de Janeiro, L & PM, 1994.

LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LEITE, Cynthia Maria Bindá; SILVA, Heloísa Helena Corrêa da. Covid-19, capitalismo e exclusão social na comunidade quilombola. *SOMANLU: Revista de Estudos Amazônicos – UFAM* ISSN (impresso): 1518-4765 / ISSN (eletrônico): 2316-4123. Ano 21, n. 1, Jan./Jun. 2021

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (Orgs.). *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 126-167.

MARTINES, Régis dos Santos *et al.* *O uso das TICs como recurso pedagógico em sala de aula*. Congresso Internacional de Educação e Tecnologias: 26 de jun. a 13 de jul. 2018.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018. O texto foi publicado originalmente em: *Public Culture*, 15 (1), 2003: 11-40.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org) *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Editora. Vozes, 2010.

OLIVEIRA, Raquel Mignoni de; CORRÊA, Ygor; MORES, Andréia. Ensino remoto emergencial em tempos de Covid-19: formação docente e tecnologias digitais. *Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP)*: Itapetininga, v. 5, e020028, p. 1-18, 2020.

QUIJANO, Anibal. *Cuestiones y horizontes*. De la dependencia historic-estructural a la colonialidad/decolonialidad del poder. Buenos Aires: CLACSO, 2010.

SALES, Madalena Santana de. *Os fazeres e os saberes etnomatemáticos praticados pelos habitantes do Território Quilombola Vão Grande*. Orientador: Prof. Dr. João Severino Filho Dissertação. (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). 108 f.; Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) Campus “Dep. Est. Renê Barbour”, de Barra do Bugres (MT). 2020.

SANTANA, Gonçalves Eva Almeida de. *Saberes e Fazeres Quilombolas*: um olhar sobre as práticas pedagógicas da área de Ciências Humanas da escola de Mata-Cavalo. Orientadora Suely Dulce de Castilho. 200 folhas. Dissertação, (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2019.

SANTOS, Eduardo Rodrigues. Necropolítica, coronavírus e o caso das comunidades quilombolas brasileiras. *Revista do CEAM*, v. 6, n. 1, p. 114-124, 25 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3957210>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistadoceam/article/view/31856>. Acesso em: 19 out. 2020.

SANTOS, Solange Estanislau dos; SARAIVA, Marina Rebeca de Oliveira. O ano que não tem fim: as crianças e suas infâncias em tempos de pandemia. Dossiê Especial: As crianças e suas

infâncias em tempos de Pandemia. *Zero-a-Seis*, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1177-1187, dez./dez., 2020. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980-4512. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22nespp1177>

SANTOS, Silvana Alves dos. *Saberes e fazeres dos professores da área de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias, em uma escola do Quilombo Itambé (MT)*. 207f. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2018.

SILVEIRA, Dener Santos. Dupla perversidade dos efeitos pandêmicos sobre comunidades quilombolas. Ensaio. ISSN: 2238 3069. *ÁSKESIS*, v.9, n.1, p.132-142, jan./jun, 2020.

UNESCO. A Comissão Futuros da Educação da UNESCO apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a Covid-19. 16 de abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-aoplanejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em: 08 ago. 2020.